

Vicente Sá

O diário de Ánis

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

O BECO ESTREITO E CONHECIDO É PERCORRIDO, de maneira apressada, pelo homem que manca, ligeiramente, da perna esquerda. Ele parece conversar sozinho ou repetir um mantra, uma proteção, e olha, vez em quando, para trás. Parado em frente à porta azul claro de ferro, olha, de novo, para a entrada do beco de onde viera e observa a mesma viela com água empoçada que ele trilha, até sua morada, há mais de cinco anos, e percebe uma borboleta amarela que, num voo soluçante, vem em sua direção e pousa ao lado da porta. A mão que sai do bolso treme um pouco, mas, logo, encaixa a chave na fechadura e abre a porta. Na pequena casa, uma mesa de centro e um sofá o recebem, ainda sonolentos. A estante, cheia de livros, ainda dorme e nem percebe sua chegada. Um pequeno relógio de parede marca dez horas de uma manhã de maio, em Brasília. A borboleta, que também entrara na casa, gruda-se à parede a observá-lo, compenetrada.

O homem senta-se à escrivaninha, que fica num canto da pequena sala, e tira do bolso um envelope pardo que parece ter estado guardado por muito tempo. De dentro dele, puxa uma carta e respira pelo nariz, antes de iniciar a leitura. É o começo do fim de uma longa busca. Uma busca de mais de dez anos. O coração do homem, embora não o possamos ouvir, bate apressado e suas mãos tremem levemente.

Por cima do seu ombro, vemos que a carta foi escrita com uma caneta Parker, de pena, e começa com a localização e a data: Rio de Janeiro, abril de 1970.

O homem desvia o olhar da carta para o calendário pregado à parede, acima da estante cheias de livros, e confirma, mentalmente, que se passaram quarenta anos desde que a carta fora escrita. Ele respira fundo e mergulha na leitura das informações que uma outra pessoa, num passado já bem distante, gravara para o futuro.

* * *

Macedo bate a tesoura próximo à orelha do cliente, e observa o homem manco e cabelos revoltos atravessar a rua apressado, tocando a mão, disfarçadamente, no bolso do casaco para conferir se o objeto ainda está seguro com ele, o que o faz sorrir levemente.

O cliente pede a Macedo que não enrole, avisa que tem compromisso e que a gorjeta está garantida de qualquer maneira.

— Não precisa me adular não, Macedo, diz ele, com voz rouca, também parecendo observar o engraçado homem manco que atravessa a rua sorrindo sozinho como um menino que ganhou um doce.

Macedo ainda demora um pouco mais, tirando alguns fios de cabelos do seu cliente que ficaram sobre a camisa cinza. Ajuda Jorge — este é o nome do homem — a vestir o paletó e lembra que, há dois meses, ele entrou, numa manhã como a de hoje, e o escolheu com o olhar. Desde então, tem vindo, duas vezes por semana, para fazer a barba e, vez em quando, acertar o cabelo.

O homem agradece o serviço e, como de costume, deixa uma boa gorjeta para a alegria de Macedo e inveja de alguns colegas do Salão do Onofre, uma das barbearias mais antigas da Asa Norte.

Macedo entrega a ficha do corte no caixa e guarda o dinheiro da gorjeta no bolso, caminha até as cadeiras de rua, onde os outros barbeiros esperam novos fregueses, e vê o seu cliente parar na esquina e amarrar os sapatos, antes de seguir caminhando, agora sem pressa alguma, no mesmo caminho do manco.

— Estes clientes são mesmo um saco! Agorinha estava com pressa e agora não tá mais, pensa, antes de voltar para arrumar a cadeira e os seus objetos de trabalho, deixando do lado de fora o céu azul de maio.

* * *

Aurélio — assim se chama o homem manco — vai se entristecendo à medida em que lê a missiva. Não é a carta certa. Seu entusiasmo se transforma, subitamente, em uma tristeza funda, levando um travo de amargor à boca. Tudo indicava que esta seria a carta do Diário, mas não é. Se alegrara cedo demais, como sempre. Esta é uma carta de uma triste espera. Ela traz um apelo e, em código, um endereço de encontro que nunca chegou ao conhecimento de quem deveria comparecer ou, talvez, resgatar a pessoa que escreve.

A outra carta deve estar dentro de outro livro da casa. Vai ser outro trabalhão, mas, agora, que ele já foi contratado pela filha, e está de posse da chave da casa do falecido poeta. E é só voltar e continuar sua busca. Uma hora, ele achará.

Pensou em voz alta: — Bem, já que temos que recomeçar, vamos logo devolver esta, e riu baixinho de si mesmo falando sozinho como um velho maluco das histórias antigas.

Colocou a carta no envelope, guardou-o no bolso do casaco e ergueu-se para sair quando bateram à porta. Perguntou

quem era de forma ríspida e, de supetão, abriu a porta surpreendendo o homem que aguardava com a mão apoiada na parede.

— É a casa do seu José Antônio, o marceneiro?

O homem perguntou já sabendo que havia errado de endereço. Parecia humilhado por ter cometido este erro. Como se o seu engano fosse causar um estrago imenso em sua vida.

Olhando pra dentro da casa, balbuciou algo como:

— Acho que não é, desculpe.

Aurélio ficou com pena do homem e bateu em seu ombro quando ele já se virava.

— Não conheço nenhum marceneiro por estas bandas, mas pergunte ali no Onofre, na barbearia, eles devem saber.

O homem, que ia seguir para uma das saídas da ruela, voltou-se e caminhou na direção oposta. Aurélio o observou andando enquanto fechava, com a chave, a porta de casa.

* * *

O sol da manhã ainda não se refletia nas poças d'água do beco e elas pareciam tristes e sem cor, como na maioria das horas. Somente ao meio dia, com o sol a pino, elas se alegravam e refletiam um pouco do azul do céu.

As poças, como todos que moravam em becos como aquele, tinham pouquíssimos momentos de felicidade, pensou Aurélio, caminhando com a dificuldade que o manquejar lhe impunha. A borboleta amarela o acompanhou por alguns metros, mas, depois, como se mudasse de ideia, pousou no fio que cruza o beco e abriu as asas, para receber melhor os raios de sol.

* * *

O ônibus segue e, Aurélio, sentado à janela, olha a cidade. O mês de maio é lindo em Brasília, pensa. E recorda-se quando chegara na cidade. Era justamente maio e ele ficara com frio e encantado com o céu azul “da cor do manto de Nossa Senhora”, como lhe dissera sua mãe. Aurélio era um menino de nove anos, tímido, que, quando saía com a mãe, quase nunca largava sua mão. Mesmo em casa, só saía de perto dela para ficar com seus livros antigos, herdados do pai.

Era o ano de 1969, e Brasília tinha, como ele, apenas nove anos. Talvez mais um pouco, uns treze anos, se contarmos o período da construção, pensou Aurélio, olhando dois meninos correndo em frente a uma loja de alimentos e produtos para animais. Em cima, estava escrito *pet shop*, e ele riu triste com o costume nacional de colocar os nomes das lojas em inglês.

Pensou em seu velho professor de história, Carlos Alberto, que comparava os americanos e os ingleses com o antigo império romano.

“Eles oprimem os povos conquistados não só pela força e pela economia, mas culturalmente. É necessário que eles, os conquistados, percam o respeito pela sua cultura, sua língua, seus costumes, seus deuses... Assim, ficam mais mansos e domesticáveis. A dominação os faz acreditarem que são inferiores, seus gestos são feios, sua arte é tosca, sua vida é pequena diante da vida gloriosa e rica de seus dominadores.”

Ri, lembrando que o professor se empolgava e chegava a se engasgar no meio do discurso. Depois, se arrependia e pedia que os alunos não comentassem aquilo que ele falara. Fora um “arroubo” de intelectual, ele repetia, sem que os alunos soubessem o que era arroubo, mas sentindo que o professor estava com medo. O regime militar não aceita-

va este olhar ‘socialista’ da história, e havia o professor de OSPB, que sempre perguntava sobre os outros professores, se eles malhavam o regime ou falavam de livros proibidos. A criação da disciplina Organização Social e Política do Brasil — OSPB, foi a forma que os militares encontraram de repassar a sua visão de mundo para os estudantes e, ao mesmo tempo, vigiar e sentir a temperatura política nas escolas. Todos os alunos tinham um sentimento de aversão aos professores que lecionavam esta matéria. E eles sentiam isso.

* * *

Do lado de fora do ônibus, uma moça de jaqueta azul vê aquele senhor de cabelos revoltos sacudir a cabeça na janela do ônibus e acha engraçado. Não sabe que Aurélio assim o faz para espantar as lembranças. O ônibus para e ela sobe e senta-se próxima ao senhor descabelado — que, agora, parece mais calmo e observa novamente a cidade pela janela.

A moça, que se chama Luísa, se enternece com o homem que lhe parece um escritor solitário buscando inspiração. Ela o imagina saindo de uma casa cheia de livros e falando consigo mesmo sobre a necessidade de terminar o seu romance, a dificuldade de conversar com o seu editor, que quer mudar o final do livro. Ela também sacode a cabeça para afastar esta ideia e se acha parecida com o homem que observava e começa a rir.

Seu riso chama a atenção de Aurélio, que a olha como se não compreendesse onde estava ou como se estivesse voltando de um outro mundo, onde o ar fosse mais espesso e dificultasse a visão das coisas à volta.

Ela o encara rindo, mas como se dissesse — me desculpa, sou maluquinha! — e ele, contagiado pelo seu jeito, sorri timidamente, mas logo volta seus olhos para a janela. Precisa se concentrar, estava perdendo o passeio, deixando de aproveitar a sua cidade em uma época ótima, sem chuva, mas ainda longe da seca.

Ela também volta aos seus pensamentos e o ônibus segue levando estas duas vidas que terão seus destinos entrelaçados em breve, mas, por enquanto, apenas observam o final de uma manhã de maio.

* * *

Aurélio desceu no ponto, titubeou um pouco, mas decidiu-se por ir primeiro a uma lanchonete do outro lado da rua. Já eram quase onze horas e ele lembrou que só havia comido um pão de queijo com café, pela manhã. “O efeito já está passando”, pensou e riu consigo mesmo da frase, atravessando a rua, distraído, quase sendo atropelado por uma motocicleta.

Depois de comer um salgado de validade duvidosa e tomar um cafezinho quase frio, Aurélio agradeceu ao rapaz do balcão dizendo que era bom que estivessem assim, pois ele mantinha a dieta. Os dois riram e ele atravessou, novamente, a rua, agora com mais cuidado, e caminhou por dentro da quadra até a casa com o jardim mais malcuidado da rua: a casa do falecido João Ricardo Freire, professor, intelectual, poeta consagrado... e, agora, só uma lembrança.

Sua filha lhe encomendara, por conta da futura divisão de bens com o irmão, uma catalogação completa de todos os

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

CONTATO
vicentesabrasilia@gmail.com
vicentesa.blogspot.com/

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em setembro de 2021.
